O Seminário de Olinda e o seu Fundador

Fernando Câmara

Em obediência à pauta de reuniões estabelecida para o corrente ano, é com muita satisfação que venho a ocupar a tribuna de nosso Sodalício para fazer a palestra do dia.

Escolhi para tema de meu pronunciamento "O Seminário de Olinda e o seu Fundador", evocando a mais antiga casa de formação religiosa do Nordeste Brasileiro, hoje transformada em mero Centro de Treinamento da Arquidiocese Pernambucana, depois de exercer durante quase dois séculos a sua verdadeira finalidade: preparar jovens para a vida sacerdotal.

Na oportunidade, gostaria também de homenagear a figura monumental de seu fundador, o grande bispo Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, um dos primeiros brasileiros a serem admitidos no Episcopado, e, sem dúvida alguma, a figura de mais destaque da Igreja no Brasil-Colônia, pelo seu dinamismo, espírito público e cultura das mais privilegiadas.

Pastor firme em suas atitudes e vigilante na defesa dos direitos da Igreja, foi um verdadeiro precursor de Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira no combate à ingerência do Poder Civil em assuntos puramente religiosos, o que lhe valeu a sua brusca transferência de Olinda para o Bispado de Miranda e depois Elvas, em Portugal, onde se notabilizaria na sua luta ferrenha contra as tropas invasoras de Napoleão Bonaparte.

* * *

Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho era fluminense, tendo nascido na antiga vila de São Sebastião dos Campos de Goitacás, em 9 de setembro de 1742, sendo filho do rico fazendeiro Sebastião da Cunha Rangel Coutinho e de sua esposa Isabel Sebastiana Rosa de Moraes.

Os seus pais eram membros de famílias ilustres, figurando entre os ascendentes do casal os Visconde de Asseca, o donatário da capitania do Espírito Santo, Vasco Fernandes Coutinho, Amador Bueno e o capitão-mor Domingos Álvares Peçanha.

A sua infância dividiu entre os estudos e os negócios da família, viajando constantemente pelas capitanias do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, procurando sempre familiarizar-se com os problemas rurais, econômicos e industriais, os quais iriam se refletir profundamente em sua vida futura.

Contava 26 anos de idade quando perdeu o genitor e sendo o filho mais velho, assume incontinenti a responsabilidade paterna até a morte de sua mãe, quando torna-se proprietário do morgado dos Azeredos, existente em sua família e que lhe cabia como primogênito.

Renuncia porém os seus direitos em favor do irmão caçula, Sebastião da Cunha de Azeredo Coutinho, viajando então para Portugal, onde se matricula na Universidade de Coimbra colando grau de bacharel e doutor em cânones em 1775 e 1776, respectivamente.

O bispo D. Francisco de Lemos de Farias de Azeredo Coutinho, seu parente e reitor daquela universidade, reconhecendo o talento e as virtudes do jovem brasileiro, aconselhou-o a abraçar a carreira eclesiástica, vocação esta já desejada pelo futuro Pastor de Olinda.

Em Portugal publicou importantes estudos econômicos, agrícolas e industriais, posteriormente traduzidos em inglês, francês e alemão, e cuja repercussão o levaria a ser admitido no quadro social da Academia Real das Ciências de Lisboa, atraindo também a admiração do Príncipe Regente D. João, de quem se tornaria amigo.

No *Dicionário Bibliográfico Português*, de Inocêncio da Silva, estão registrados alguns escritos deste grande brasileiro, a saber: "Memória sobre o preço do açúcar" — "Estatutos do Seminário Episcopal de Nossa Senhora das Graças da cidade de Olinda" — "Estatutos do Recolhimento de Nossa Senhora da Glória do lugar Boa Vista", de Pernambuco — "Ensaio Econômico sobre o comércio de Portugal e suas Colônias" (considerada a sua obra-prima e que mereceu, ainda em vida do autor, duas edições e várias traduções) — "Análise sobre a

justiça do comércio do resgate de escravos da Costa d'Africa" — "Discurso sobre o estado atual das minas do Brasil" — "Alegação jurídica sobre o padroado das Igrejas e benefícios do Cabo Bojador para o sul" — "Concordância das leis de Portugal e das Bulas Pontifícias", das quais umas permitem a escravidão de pretos d'Africa e outras proibem a escravidão de índios do Brasil — "Comentários para a inteligência das Bulas" que o Dr. Dionísio Miguel Leitão Coutinho juntou à sua *Refutação contra a alegação jurídica* etc. sobre o senhorio e domínio das conquistas — "Defesa de D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho", sendo governador interino da Capitania de Pernambuco — "Informação dada ao Ministro de Estado dos Negócios da Fazenda D. Rodrigo de Souza Coutinho acerca da queixa que contra o Bispo fizeram alguns professores da instrução de Pernambuco" — "Respostas dadas às propostas feitas por alguns párocos da diocese de Pernambuco" — Cópia da carta que a Sua Majestade o Sr. D. João VI (sendo Príncipe-Regente de Portugal) escreveu ao Bispo de Elvas em 1816 — "Cópia da análise da Bula do Santíssimo Padre Júlio III que constitui o padrão dos Reis de Portugal, a respeito da união, consolidação e incorporação dos mestrados das ordens militares com os reinos de Portugal" — "Memória lida na Academia Real das Ciências, em que se refutam as asserções de Mr. Thomaz no seu elogio do almirante Duguay, Trouin, na tomada da praça do Rio de Janeiro".

* * *

Ordenado sacerdote, teve logo o seu nome apresentado para arcediago da Sé do Rio de Janeiro, sendo nomeado por provisão de 31 de janeiro de 1785 e ali permanecendo até a sua designação para o bispado de Olinda.

Quando foi indicado para a mitra de Pernambuco tentou inultimente recusar a honraria, não obtendo porém êxito nesta missão.

A sua sagração episcopal realizou-se no dia 25 de janeiro de 1795 e teve lugar na Basílica do Coração de Jesus, em Lisboa, prestigiada pela Academia Real das Ciências, onde o novo Pastor era um dos membros estimados e respeitados pelo seu grande talento.

Coube ao Bispo de Algarve, Dom José Maria de Melo, oficiar a imponente solenidade litúrgica, figurando como consagrantes o bispo de Angola, Dom Luís de Brito Homem e o bispo de S. Thomé, Dom Frei Rafael de Castelo de Vide.

O novo Pastor não retornou logo ao Brasil; permaneceu alguns meses em Portugal, solucionando assuntos de grande interesse da diocese, especialmente a fundação do Seminário de Olinda. Data dessa época o seu conhecimento com Frei Miguel de São Bonifácio, o futuro Padre Miguelinho, que encontrava-se em Lisboa a serviço da Ordem Carmelita, da qual era professo.

Obtendo do Papa Pio VII a sua secularização, o grande mártir da Revolução de 1817 vem radicar-se em Pernambuco, tornando-se um dos maiores amigos do Bispo Azeredo Coutinho, que o convida para integrar, como Professor de Retórica, o Corpo Docente da futura instituição.

O Padre Miguelinho tinha fama de orador sacro, sendo muito estimado na capital pernambucana e o novo Pastor de Olinda o admirava, mas as relações de amizade entre ambos praticamente ficaram rompidas quando ele passou a integrar as associações maçônicas Academia Suassuna e Nova América do Paraíso, em cujas atividades era assíduo freqüentador.

Sacerdote culto e inteligente, o Padre Miguelinho sabia perfeitamente da existência das Bulas *in eminenti*, de 6 de abril de 1738, do Papa Clemente XII e *providas romanorum pontificum*, de 18 de maio de 1715 do Papa Bento XIV, as quais puniam com excomunhão *ipso facto incurrenda* todos os católicos que se filiassem às sociedades maçônicas.

O futuro mártir da Revolução de 1817 preferiu ignorar estas proibições e o seu irmão Padre Inácio Pinto de Almeida e Castro, vigário de Jaboatão, esteve para ser vítima do ressentimento do Bispo Azeredo Coutinho.

Quando os seus amigos o aconselhavam a interceder pelo irmão, Padre Miguelinho respondia cheio de brio e dignidade: "se o bispo é justo, meu irmão nada tem a temer, se é injusto, nem eu nem meu irmão temos forças para resistir-lhe."

* * *

Antes de me aprofundar nas atividades pastorais de Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, após tomar posse no Bispado de Pernambuco, em 1.º de janeiro de 1799, gostaria de evocar um pouco sobre a história do Seminário de Olinda, tão ligado ao Ceará pela passagem ali de grandes vultos da nossa historiografia: Senadores José Martiniano de Alencar e Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, Padre Inácio Loiola de Albuquerque Melo (Padre Mororó) uma das vítimas da Confederação do Equador, Cônego Antonio Pinto de Mendonça,

Chefe do Partido Liberal em Quixeramobim e último Procurador do Bispo de Pernambuco para o Ceará, Padre Dr. Antonio Elias Saraiva Leão, que recusou a vigararia geral no bispado de D. Luís Antonio dos Santos e muitos outros sacerdotes do antigo clero cearense.

* * *

Data de 1.º de janeiro de 1576 o alvará do jovem rei de Portugal, Dom Sebastião, autorizando a fundação de um colégio na então vila de Olinda para ser administrado pelos jesuítas, atendendo aos constantes apelos dos seus moradores, tendo a frente o próprio Procurador da Ordem, Padre Gregório Serrão.

Alegavam os olindenses a posição de destaque de Pernambuco, povoado de gente rica e nobre, sem escolas para os filhos dos moradores da terra e necessitando dos serviços de missões naquela capitania.

Com a morte prematura do rei Dom Sebastião coube ao seu tio e regente do reino português, Cardeal D. Henrique, consignar uma pensão de mil cruzados anuais (Cr$ 400,00 antigos), para dotação do colégio a ser paga com o dízimo ou imposto sobre o açúcar e mais uma côngrua de dez mil réis anuais para vinho e hóstia além de algum gado e lavoura de mandioca em terras próprias, conforme provisão lavrada em 24 de abril de 1579.

Tais concessões impunham também aos jesuítas algumas obrigações, como: a permanência ordinária de vinte padres no colégio, o seu constante serviço nas missões de catequese dos índios, o ensino da doutrina cristã, leitura, gramática, escrita, contabilidade e latim aos filhos dos habitantes do lugar e mais outros encargos.

O colégio não teve construção imediata após a concessão do alvará real e disto temos o pronunciamento do Padre José de Anchieta, que exerceu o cargo de Provincial do Brasil no período de 1578 a 1585:

> "Para as obras do futuro edifício tem o colégio 166 ducados de esmola que lhe fez o el-rei Dom Sebastião, e por se pagar mal, e por não haver tanta comodidade e cal, o edifício não se começa."

Mesmo assim, os jesuítas recebiam a sua pensão em açúcar, como haviam optado, cuja mercadoria vendida em Recife alcançava a quantia de 1.500 cruzados, e, quando exportada para Portugal, atingia quase 2.000 cruzados.

Não se sabe ao certo a data de sua construção mas o colégio já funcionava em 1584, quando ali esteve em visita o Padre José de Anchieta, Provincial da Companhia de Jesus, organizando na oportunidade uma escola de missionários.

O colégio foi edificado no mesmo local da primitiva casa de residência dos jesuítas, junto à ermida de Nossa Senhora da Graça, construída pelo donatário Duarte Coelho e, em 1551, doada pelo mesmo aos filhos de Santo Inácio de Loiola.

O primeiro reitor (cargo equivalente hoje ao de diretor) foi o espanhol Padre Agustin del Castillo, falecido no exercício do cargo, substituído depois pelo Padre Luís de Grã.

Também ocupou a sua administração o Padre Luís Figueira, companheiro de viagem do Padre Francisco Pinto na malograda tentativa de catequese dos índios cearenses.

Ali permaneceu até 1620, sendo de sua autoria a *Arte de gramática da língua brasílica* adotada pelo Corpo Docente do Colégio.

Entre os professores deste antigo estabelecimento de ensino do Brasil-Colônia figura na cadeira de latim, ainda de ordens menores, o futuro Padre Antônio Vieira, uma das glórias da Companhia de Jesus e o grande homem de letras da língua portuguesa.

No reitorado do Padre Leonardo Mercúrio, em 1630, quando ocorreu a invasão holandesa, o edifício ficou bastante danificado pela resistência oposta ao inimigo comandada pelo bravo capitão Salvador de Azevedo com um punhado de apenas 22 soldados.

Os padres tiveram de abandoná-lo e ali serviu de quartel-general das forças invasoras que edificaram trincheiras para sua defesa e lá tremulou pela primeira vez o pavilhão holandês.

Segundo o depoimento do calvinista João Baers, "o estabelecimento era um belo e vasto edifício e excedia a todos os conventos situados em Olinda pela sua extensão e beleza".

E prosseque o batavo invasor em seus comentários:

> "É construído em forma de quadrado e tem no centro um pátio; é alto de dois andares, com galerias duplas ao longo dos mesmos, e os quais dão entrada a todos os compartimentos e celas situadas em redor, em número proximamente de quarenta.
> Soberbo edifício campeava no ponto mais eminente

da cidade, dispunha de uma grande renda proveniente de um avultado patrimônio, e os habitantes da praça eram muito dedicados e obedientes aos padres que os governavam como bem entendiam."

No governo holandês de Maurício de Nassau, quando foi permitida aos católicos a prática de sua religião, os jesuítas voltaram a ocupar a direção do colégio, mas irrompendo em 1645 a guerra da restauração do domínio português, foi novamente abandonado.

Somente em 1655, após a derrota do batavo invasor, ele retorna às suas atividades normais permanecendo assim até a extinção da Companhia de Jesus e conseqüentemente a expulsão dos jesuítas no Brasil, por inspiração do Marquês de Pombal.

Extinto o colégio, foi o seu edifício entregue à guarda do Bispo de Pernambuco, mediante ordem real, recebendo também os meios necessários para a sua conservação.

A partir de então, um administrador foi designado pelo prelado pernambucano com a incumbência de zelar pela conservação do colégio até que se determinasse outra finalidade para o velho edifício.

Esta veio surgir quando em obediência a carta real de 22 de março de 1796, da rainha D. Maria I e firmada pelo Príncipe Regente D. João, o antigo colégio e a sua igreja foram doados para instalação do Seminário de Olinda, atendendo veemente solicitação do novo bispo de Pernambuco, Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho.

Assim, o antigo solar dos jesuítas, depois de hibernar alguns anos, desperta agora para desempenhar uma nova e nobre missão — a formação de jovens para a vida sacerdotal — e ficará imortalizado na história religiosa brasileira como o famoso Seminário de Olinda, por onde passaram centenas de sacerdotes e grandes vultos do episcopado brasileiro, além de dois saudosos e ilustres membros do Sacro Colégio dos Cardeais: Dom Joaquim Arcoverde Cavalcanti, Arcebispo do Rio de Janeiro e Dom Augusto Álvaro da Silva, Arcebispo da Bahia.

O seu *Livro de Tombo* é rico em assentamentos de fatos ocorridos no decorrer de sua gloriosa história.

De todos eles me limitarei apenas a transcrever duas importantes efemérides: a visita ali realizada no dia 3 de dezembro de 1859 por Sua Majestade Dom Pedro II e a consagração do Seminário ao Sagrado Coração de Jesus.

Vejamos os assentamentos:

Visita Memorável

"No dia três de dezembro do ano de mil oitocentos e cinqüenta e nove Sua Majestade Imperial o Senhor Dom Pedro II visitou a este Seminário, acompanhado dos exmos. Ministros do Império João de Almeida Pereira Filho, Presidente da Província, Luiz Barbalho Muniz Freire e outros, sendo por mim recebido com o cerimonial do estilo na porta da Igreja debaixo do pálio, que seguravam os revmos. lentes do mesmo Seminário.

S. Majestade Imperial correu todas as oficinas da casa, que o tempo permitiu, inclusive a parte do Seminário em ruínas.

Chegou da Bahia à cidade do Recife no dia 22 de novembro do dito ano e desembarcou no cais do colégio pelas onze horas da manhã."

O Cônego Reitor
Marcelino Antonio Dorneles.
(Livro de Tombo do Seminário de Olinda, p. 33)

Solene Consagração do Seminário de Olinda ao Sagrado Coração de Jesus.

"No dia vinte e sete de setembro de mil oitocentos e setenta e quatro, pelas 6 horas da tarde, fez-se a solene consagração deste Seminário ao Sagrado Coração de Jesus, de conformidade com a Pastoral do Exmo. Sr. Bispo Diocesano D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira, de 12 de junho do corrente ano, funcionando no ato o Revmo. Governador do Bispado Chantre José Joaquim Camelo d'Andrade e pregando o revmo. diácono Temistocles Gonçalves."

Seminário Episcopal de Olinda, 29 de setembro de 1874.
Reitor Pe. Sebastião Constantino Medeiros
(Livro de Tombo, p. 34 versus).

* * *

Voltemos agora a evocar a figura do grande bispo Dom José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho que em Portugal, após obter a necessária licença para o funcionamento do Seminário de Olinda, retorna ao Brasil, embarcando em Lisboa na nau Ligeiro Pensamento e após 35 dias de penosa viagem desembarca no Recife em 25 de dezembro de 1798, sendo recebido festivamente pelos seus novos diocesanos.

Sua posse ocorreu em 1.º de janeiro de 1799 e no dia 25 daquele mesmo mês vamos encontrá-lo recebendo do Ouvidor Geral, Corregedor e Provedor da Comarca, Antônio Luís Pereira da Cunha o edifício do velho colégio com sua igreja, e do administrador Cônego Joaquim Saldanha Marinho as alfaias e outros objetos do templo religioso.

Era a arrancada final para a instalação do seminário, cuja inauguração ocorreu com toda solenidade e pompa no dia 16 de fevereiro de 1800, depois de efetuadas as necessárias adaptações para o seu bom funcionamento.

O discurso de abertura foi proferido pelo Padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro (Padre Miguelinho), professor de retórica da nova instituição e mais tarde o grande mártir da Revolução de 1817.

Intitulado "Oração Acadêmica", segundo Câmara Cascudo é o único trabalho que se conhece hoje do grande revolucionário e encontra-se publicado na *Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Arqueológico de Pernambuco,* volume XXXV — ano 1941.

Inaugurado o seminário com a admissão de 32 seminaristas, foi seu 1.º reitor o cônego Dr. José de Almeida Nobre, que pertencera a extinta Companhia de Jesus, ocupando a vice-reitoria o Padre José Pinto de Carvalho.

O Corpo Docente estava assim constituído:

Teologia Dogmática — Frei José Laboreiro — monge da ordem de São Jerônimo vindo de Portugal na companhia do Bispo Azeredo Coutinho;

História Eclesiástica — cônego Miguel José Reinau, mais tarde reitor e vigário-geral do bispado;

Teologia Moral — Frei Bento da Trindade, português e conhecido em sua época por Frade Grilo...

Filosofia Universal — Frei José da Costa Azevedo, natural do Rio de Janeiro, mas regia a cadeira de Ciências Naturais em Lisboa, quando veio para Pernambuco atendendo convite também do Bispo Azeredo Coutinho. Religioso de grande merecimento científico, foi mais tarde lente de mineralogia no Rio de Janeiro e o primeiro diretor do Museu Nacional;

Matemática — Frei Miguel Joaquim Pegado, também vindo de Portugal a convite do Bispo e ocupando depois a reitoria do mesmo seminário;

Retórica e Poética — Padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro, rio-grandense do norte e que exerceu o cargo até 1817, quando deu a própria vida na defesa de seus ideais revolucionários;

Língua Grega — Padre José Joaquim de Castro;

Gramática Latina — Padre Luís Florentino de Almeida, pernambucano e afamado latinista;

Canto-Chão — Padre Antonio de Sant'Ana, egresso da ordem dos capuchinhos;

Primeiras Letras — Padre Miguel de Miranda;

Desenho — Padre João Ribeiro Pessoa de Melo Montenegro, pernambucano e figura de destaque da Revolução de 1817, da qual foi uma das vítimas.

Contando com tão ilustrado e eficiente professorado, prestigiado integralmente pelo seu fundador, que jamais lhe faltou com seu apoio e colaboração, o novo Seminário transformou Olinda em uma nova Coimbra, segundo expressão de um escritor pernambucano da época.

De um visitante que ali esteve em 1808 foi registrada as seguintes observações:

"O Seminário é talvez o melhor que temos no Brasil, não pelo edifício, que todavia está reedificado e tem uma cerca, mas pela polícia e economia, não só no que respeita à educação ingênua e liberal mas principalmente à educação científica. Não há número certo de pensionistas, e cada um paga anualmente 120$000.

Além das aulas de belas-artes, tem ainda as de todas as ciências que podem formar um bom cidadão e um eclesiástico instruído; os seus professores se fazem dignos do conceito público de que gozam pelos seus abalizados conhecimentos, e o reitor é um homem sábio, vigilante e incansável."

Enquanto permaneceu no sólio pernambucano, D. Azeredo Coutinho acompanhava atentamente as atividades da notável Instituição e muitas vezes convocava ao Palácio Episcopal jovens seminaristas, a fim de melhor conhecer o seu futuro clero.

Foi em uma dessas convocações que ali esteve Inácio de Loiola de Albuquerque Melo, o futuro Padre Mororó, cujos pendores radicais impressionaram tanto ao Bispo de Olinda que teria assim vaticinado: "Este moço há de perder-se na primeira revolução que houver no Brasil."

Extrapastoralmente, D. Azeredo Coutinho desempenhou também destacadas funções na vida pública pernambucana: foi Diretor-Geral dos Estudos, Presidente da Junta da Fazenda, chegando mesmo a assumir o governo da Capitania quando o Governador D. Tomás José de Melo foi chamado a Portugal.

Durante o tempo em que regeu os destinos de Pernambuco saneou as suas finanças, construindo, na oportunidade, uma longa estrada ligando Recife ao alto sertão de São Francisco.

Pastor firme em suas atitudes, quer no desempenho de atividades públicas ou pastorais, tornou-se uma das figuras mais queridas e respeitadas em sua diocese, sendo ainda amigo pessoal do Príncipe D. João, seu antigo companheiro da Academia Real das Ciências, em Lisboa.

Tais predicados não agradavam a determinadas autoridades superiores, notadamente a Mesa da Consciência e das Ordens que procurava constantemente indispor o intrépido Bispo com o Príncipe-Regente.

D. Azeredo Coutinho defendia sistematicamente, a liberdade de ação para a Igreja, não sendo isto admitido pelos seus opositores, tornando-se freqüente os desentendimentos e chegaram a tal ponto, que ele, mesmo constrangido, acabou aceitando a sua transferência para Portugal.

O Príncipe-Regente reconhecendo "as suas virtudes, letras e mais qualidades", o nomeou em 9 de julho de 1802 para o Bispado de Miranda e Bragança, e, posteriormente, em 1806, para a Diocese de Elvas.

Embarcando para a Europa, em 12 de julho de 1802, deixava o abnegado bispo para o seu sucessor — o beneditino Dom Frei José de Santa Escolástica — uma florescente diocese para a sua época, com o seminário em pleno funcionamento, "dotado de rendas como nunca houve outro em todo o Brasil", quatro nações indígenas pacificadas e cristianizadas, além da criação de novas sedes paroquiais: Espírito Santo do Paudalho (1799) — São José da Madre de Deus (1799) — Santo Amaro de Taquaritinga (1801) — Floresta (1801) — São José dos Bezerros, etc.

Em Portugal D. Azeredo Coutinho foi recebido pelo Príncipe D. João com as maiores demonstrações de estima, e, não obstante a nova onda de injúrias contra a sua pessoa, o futuro monarca continua dispensando a mesma amizade e confiança: oferece a diocese de Beja, uma das mais importantes de Portugal, que ele humildemente recusa, e o nomeia depois para os cargos de Inquisidor-Geral do Reino e Presidente da Junta de Exame do Estado e melhoramento temporal das ordens religiosas.

Todavia, foi em 1807, quando da invasão dos exércitos de Napoleão Bonaparte, comandados pelo General Junot, que se inicia um dos mais brilhantes capítulos da vida deste grande brasileiro.

Encontrava-se em Elvas e não fugiu de seu bispado e nem aliou-se aos inimigos de Portugal.

Comandou a resistência em sua diocese e foi um dos poucos bispos que não recomendaram obediência ao general francês.

Jamais abandonou o seu rebanho, animando a todos na reação contra o invasor e livrando Elvas do cerco que lhe foi preparado, poupando assim a sua população dos horrores que sofreram Évora, Leiria e Beja.

Em certa ocasião salvou da morte o Tte. Cel. de Artilharia Domingos Franco, condenado pelo General Loison, conseguindo dar-lhe fuga para lugar seguro.

Enquanto permaneceu o domínio francês o corajoso bispo fazia nas igrejas exortações piedosas e patrióticas aos seus fiéis, o que muito concorreu para levantar o ânimo dos portugueses.

Quando finalmente as tropas francesas foram expulsas, os jornais da época publicaram constantemente as grandes façanhas que ele havia praticado, reconhecendo a nação portuguesa os seus notáveis feitos e tributando-lhe as homenagens devidas.

Em Pernambuco, os homens de letras, o clero e os seminaristas prestaram a sua homenagem publicando na oportunidade o livro *A gratidão pernambucana ao seu benfeitor* onde foram recordados os serviços prestados pelo abnegado Pastor em sua diocese.

Com a convocação da Assembléia Constituinte Portuguesa, Dom Azeredo Coutinho teve o seu nome escolhido para ocupar uma das cadeiras de deputado, como representante do Rio de Janeiro, sua Província natal.

A sua gloriosa missão terrena chegava porém ao fim.

Em 10 de setembro de 1821 chegou ainda a tomar assento no Congresso português, mas no dia 12 de setembro seguinte faleceu repentinamente na capela do Capítulo do Convento de São Domnigos, em Lisboa, contando 79 anos de idade.

O tempo passa e tudo é esquecido, mas o nome de D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, cognominado "O sábio, o santo e o patriota", jamais será olvidado, pois, recordar-lo-á sempre o seu verdadeiro monumento, que é o Seminário de Olinda, a grande "Escola de Heróis" de onde sairam cardeais, bispos e sacerdotes e também os ideais dos movimentos revolucionários de 1817 e 1824!

BIBLIOGRAFIA

— *Annaes* do Seminário Archiepiscopal de Olinda (1821-1921).

— Os Bispos de Olinda: 12.º D. José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho Pe. Theodoro Huchelmann — *Boletim Arquidiocesano* n.º 417.

— "O Tricentenário da diocese de Pernambuco" — Fernando Câmara — *Rev. Instituto do Ceará* — volume 95 — Ano 1976.

— *A Família do Padre Miguelinho* — Luís da Câmara Cascudo — Coleção Mossoroense — n.º 55 — Ano 1960.

— *Frei Miguelinho (Uma página da Revolução de 1817)* — F. C. Souza Pinto — Ano 1928.

— *Padre Mororó: O político e o Jornalista* — João Alfredo de Sousa Montenegro — 1985.